

TRANSFORMAÇÕES E ÁREAS DE NÃO SONHO: TRANSFORMAÇÕES EM ALUCINOSE E TRANSFORMAÇÕES AUTÍSTICAS - UMA AMPLIAÇÃO DE PARADIGMA

| CELIA FIX KORBIVCHER¹

RESUMO

O trabalho aborda o comprometimento da capacidade para sonhar em áreas mentais primitivas, áreas psicóticas e autísticas. A autora desenvolve ideias sobre o desenvolvimento da função alfa e seus distúrbios. Destaca que na falha da função alfa o indivíduo não pode dormir nem permanecer acordado. Apresenta noções a respeito do funcionamento da área autística, uma área dominada por sensações, onde a vida psíquica e os sonhos também não se constituem. A autora enfatiza a importância de discriminar na clínica esses diferentes fenômenos para que o paciente possa ser alcançado. Para isso recorre à teoria de Transformações, de Bion - transformações projetivas e em alucinoze pertencentes à área psicótica e às transformações autísticas, pertencentes à área autística. Apresenta o material clínico de duas crianças, uma delas que se queixa de que não pode dormir, pois teme seus sonhos e outra que se refere ao seu mundo interno como um mar morto. Ambos pacientes apresentam um funcionamento mental predominantemente neurótico, embora apresentem respectivamente em diversos momentos, núcleos psicóticos e autísticos acentuados. Tal material ilustra esses diferentes estados de mente e suas implicações quanto ao comprometimento do sonhar.

Palavras Chave: mente primitiva, impedimento da capacidade para sonhar, função alfa, transformações em alucinoze, transformações autísticas.

ABSTRACT

This work deals with problems in the capacity for dreaming in primitive, psychotic and autistic areas of the mind. The author analyses ideas about the development of the alpha function and its disturbance. She highlights the failure of the alpha function when it does not allow the person to sleep or to stay awake. The author also deals with a notion about the way the autistic area works, an area ruled by sensations, where psyche life and dreams cannot be formed. She emphasises the importance of differentiating, in clinical practice, these different phenomena so that it becomes possible to reach the patient. She resorts to the autistic transformations, of Bion - projective transformations and hallucinations belonging to the psychotic area and autistic transformations, belonging to the autistic area. She presents clinical data of two children, one of them complaining of not being able to sleep, for he/she fears his/her dreams and the other that refers to his/her inner self as the Dead Sea. Both patients exhibit a predominately-neurotic mental function; however, they show respectively several times, psychotic and autistic nuclei. Such material illustrates these different states of mind and its implications as for the problems with dreaming.

Keywords: primitive mind, obstruction of the dreaming capacity, alpha function, transformations in hallucinosis, autistic transformations.

¹ Membro efetivo, supervisora e analista de crianças da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP.

|

Sabemos que o psicanalista em seu trabalho clínico, assim como o arqueólogo em suas escavações, descobre entre as manifestações mentais de seus pacientes fenômenos de diferentes estágios; desde os mais desenvolvidos até mais os primitivos e, nesses últimos, ainda aqueles de natureza primordial (BION, 1979). Sabemos também, como nos lembra Bion (1957), que por trás de um funcionamento mental predominantemente neurótico, o psicanalista encontra partes psicóticas da personalidade e poderá do mesmo modo encontrar também partes primordiais, partes autísticas (TUSTIN, 1990) e partes não integradas da personalidade (KORBIVCHER, 2009).

Nos níveis psicóticos o indivíduo não é capaz de exercer a função alfa. Ele registra apenas dados sensoriais brutos, elementos beta, sem diferenciar aqueles experimentados no sonho dos que ocorrem na vigília. Isto resulta num estado em que o paciente não sabe se está acordado ou sonhando (OGDEN, 2010). Nos níveis autísticos o paciente não tem contato com emoções. Ele não é capaz de transformar sensações corporais em elementos psíquicos permanecendo absorto num mundo dominado por sensações, sem representação na mente.

Torna-se necessário, assim, que o analista identifique a cada movimento na sessão se o paciente está operando em níveis neuróticos, psicóticos, autísticos ou não integrados para que possa alcançar o seu paciente pois, como vimos, as características dos fenômenos de cada um desses níveis são distintas e requerem uma abordagem específica.

Pedro, seis anos, em nosso primeiro encontro disse: “A minha mãe me trouxe aqui porque eu não consigo dormir. Eu tenho medo dos meus sonhos e ela disse que você podia ajudar”!

André, oito anos, em uma de suas sessões pergunta: “Celia você conhece a biblioteca do Mar Morto? É uma biblioteca onde guardam os mapas do Mar Morto, pedaços de gesso, de vasos, tudo o que sobrou”. Explica que o sol bateu no mar, secou todo o mar ficando apenas sal e não existe mais vida lá.

Pedro e André apresentam características marcantes da mente primitiva, embora, o nível de desenvolvimento mental de cada um seja diferente. Pedro teme o contato com os seus sonhos. Podemos nos indagar: o que seriam os sonhos para Pedro? André fala de seu mundo interior, de um mar morto, sem vida, onde há apenas fragmentos de tudo o que sobrou.

O meu propósito neste trabalho é examinar os impedimentos da capacidade para sonhar encontrado em manifestações primitivas da mente. Para isso recorro à teoria das transformações de Bion - transformações projetivas e em alucinose e transformações autísticas propostas anteriormente por mim (KORBIVCHER, 2001). Apresento o material clínico de Pedro e André, nos quais prevalecem um funcionamento mental neurótico embora Pedro demonstre vivências psicóticas importantes e, André, acentuados núcleos autísticos. Ilustro com esses materiais os dois tipos de fenômeno e discuto a sua relação com os impedimentos da capacidade de sonhar.

II

Bion (1962a) propõe a função alfa: uma função da mente que transforma as impressões sensoriais brutas - elementos beta - em elementos alfa. Os elementos alfa armazenados possibilitam o desenvolvimento dos pensamentos, do sonhar, do devanear e do aprender com a experiência. Elementos beta são elementos sensoriais que não sofreram transformação ao nível psíquico pela função alfa e, portanto, não são passíveis de ser utilizados para pensamento, servem apenas para ser evacuados. A mãe, com a sua capacidade de rêverie e função alfa, transforma esses elementos sensoriais em elementos psíquicos - elementos alfa - de modo a possibilitar serem mantidos na mente e não mais descarregados.

A função alfa da mãe pode fracassar e, se isto ocorrer, como diz Bion (1962a), “o paciente não pode sonhar, e, portanto, não pode dormir. À medida que a função alfa não torna as impressões sensoriais brutas disponíveis para pensamento consciente e onírico o paciente que não é capaz de sonhar, não pode adormecer e não pode acordar” (p. 6-7).

Para Bion o sonhar é o que irá capacitar o indivíduo a adormecer e acordar e não

o oposto como se supunha até então. O sonhar no sono, como na vigília, gera uma barreira de contato separando consciente e inconsciente. Na ausência dessa barreira, a discriminação entre mundo interno e externo, fantasia e realidade não ocorre. Aquilo que seria um sonho torna-se um estado de alucinação, uma criação da mente do indivíduo independente dos fatos reais.

O campo de trabalho do analista em Bion (1962a) é o do aprender com a experiência emocional compartilhada na sessão e a teoria de Transformações (Bion, 1965) é uma teoria de observação dos fenômenos mentais na sessão analítica. Bion destaca diferentes tipos de transformações: transformações em movimento rígido, transformações projetivas², em alucinação, transformações em K e -K, e em transformações em O, expandindo o campo analítico do conhecer a realidade (K) para ser a realidade (O). A abordagem de Bion de uma mente multidimensional oferece a base para o desenvolvimento da idéia de outras transformações, lado a lado com as transformações neuróticas - em movimento rígido - e as psicóticas - transformações projetivas e em alucinação (BRAGA, 2009).

III

Alguns pacientes, como mencionado, embora funcionem de modo predominantemente neurótico, mantêm uma parte da personalidade em que prevalecem certos núcleos encapsulados impenetráveis, impedindo o acesso a determinados aspectos mentais. Esses estados emocionais produzem fenômenos semelhantes às defesas autistas, cuja finalidade é proteger o *self* primordial de estados intoleráveis de não-integração (TUSTIN, 1990; KLEIN, 1981). As defesas autísticas caracterizam-se pela condição de recolhimento no interior de uma

2 Nas transformações projetivas predominam os mecanismos de clivagem e identificação projetiva nos quais a mente projeta, sobre o objeto, partes indesejáveis do self, procurando obter alívio. Cabe ao analista receber essas projeções do paciente e transformá-las conferindo-lhes algum sentido de modo a possibilitar que o seu conteúdo seja mantido na mente e não mais expelido. Nas transformações em alucinação, o indivíduo, para evitar o contato com a situação intolerável a que está submetido, a substitui por alguma outra criada por ele, independente da sua existência real. Rivalidade, inveja, avidez, roubo, juntamente com o seu sentido de ser inocente, são consideradas como invariantes sob alucinação. O analista, nessa circunstância, se vê isolado sem um interlocutor com quem se comunicar.

“concha protetora”, gerada pelo próprio indivíduo de modo a evitar vivências insuportáveis de vulnerabilidade. Esses são indivíduos que apresentam uma sensibilidade extrema e uma auto-sensualidade exacerbada. Neles a consciência da separação corporal do objeto deu-se de maneira abrupta, sem que tivessem meios para suportá-la. Eles a vivenciam como se partes do próprio corpo tivessem sido arrancadas, acarretando experiência de aniquilamento. A relação entre eu e não-eu ocorre por meio de “objetos-sensação”; “objetos e formas autísticas”³ (TUSTIN, 1981, 1986, 1990). O contato sensorial com o objeto é essencial, não por representar outro objeto ou pela fantasia que ele desencadeia, mas por se tornar o próprio objeto. A falta do objeto é tampada por objetos e formas autísticas, de modo que os sentimentos de terror advindos da sua ausência sejam suprimidos. Esses indivíduos, frente à vivências aterrorizadoras, tendem a aderir às superfícies em contiguidade, a superfícies que se tocam evitando o surgimento de qualquer espaço. Desse modo a comunicação entre eu e não-eu não ocorre por identificação projetiva como nos casos em que há a presença de um objeto separado, mas por “identificação adesiva” (BICK, 1968 e MELTZER, 1975b).

Em trabalhos anteriores (KORBIVCHER, 2001, 2004, 2005) propus introduzir a área dos fenômenos autísticos na teoria das transformações. Sugeri acrescentar aos grupos de transformações destacados por Bion, um novo grupo: as transformações autísticas. As transformações autísticas, como as concebo, se desenvolvem em um meio autístico, o que implica na ausência da noção de objeto. As relações entre eu e não-eu ocorrem por meio de objetos/sensação, objetos e formas autísticas as quais não adquirem representação na mente. Algumas das suas invariantes se relacionam à experiência de ausência de vida afetiva, à experiência de vazio afetivo, e à presença de atividades auto-sensuais. Com esse acréscimo à teoria das transformações, penso que o analista pode se instrumentalizar para identificar na clínica a área de fenômenos não metalizados, fenômenos dominados por sensações, tão presentes em nosso trabalho analítico.

3 Os objetos autísticos são objetos duros que dão uma sensação de uma armadura protetora diante de pavores inomináveis. As formas autísticas consistem em experiências sensoriais que adquirem formas inteiramente pessoais, daquele indivíduo, criadas a partir do corpo ou de objetos que são experimentados como formas. Formas estas que adquirem uma função apaziguadora.

MATERIAL CLÍNICO

Pedro, seis anos, foi trazido pelos pais porque não consegue dormir. É um menino franzino de estatura baixa para a idade. Pedro se comunica por meio de desenhos acompanhados de estórias. Numa de suas sessões noto o seu andar curvado com a cabeça baixa, dando a impressão de estar carregando um enorme peso dentro dela. Logo inicia o seu desenho, faz um palácio, um rei e um soldado. Num tom meio desanimado diz: “O rei fala para o soldado consertar a goteira. O cano estourou e tem goteira”. Desenha vários pingos. Entendo que o desenho se liga ao seu estado mental sobrecarregado. Digo-lhe: “Parece que você desenhou um rei-Pedro e um soldado-Célia. O rei-Pedro quer que o soldado-Célia conserte a goteira, ou seja, os pensamentos que a sua cabecinha não pode segurar e que acabam saindo dela”. Ele sorri aliviado e diz que pensou que não ia sair história, mas saiu. “É a história dos pensamentos que saem e não me deixam dormir. Mas eu dormi esta noite. A mamãe me deu um “calmante” na cama. O papai estava trabalhando e ela me contou história”. Desenha mais pingos e diz que é uma goteira de ouro. Faz um capacete para o soldado e um baú e diz que o baú está fechado. Num tom debochado, diz: “Já sei, você vai dizer que meus pensamentos estão fechados no baú e não querem sair”. Surpreendo-me com a sua resposta e lhe digo: “Ah, você está me dizendo que aprendeu como deve conversar comigo?” Vira a página e desenha um cachorro. Falo: “Então você vira a página e deixa o baú trancado com o ouro do outro lado”? Diz: “Não!” Volta a ficar ansioso e num tom de desespero diz: “São os pensamentos ruins. Quero que você adivinhe os pensamentos ruins. Você adivinhou que a goteira eram pensamentos”. Fico tocada pelo seu desespero em querer nomear os pensamentos ruins. Desenha sangue, flechas e bombas sendo lançadas, parecendo estar envolto numa situação de intensa excitação mental de terror e violência. Digo-lhe que eu é que vou lhe contar uma história. Falo de um menino que à noite fica com a mamãe, enquanto o papai está trabalhando e que esse menino tem muito medo que um “soldado-papai” venha atacá-lo e brigar com ele.

Ele responde assustado: “É assim que eu não vou dormir!” Tampa os ouvidos e fala: “Eu fiquei aflito no judô e também aqui na garagem onde no chão tem uns furinhos. Parecia que eu ia cair”. Vira a página, escreve o seu nome e o do irmão. Diz: “Ele é muito bravo! Quando minha avó vem em casa, eu pego meu urso,

cobertor, e durmo lá com ele, e ele fica muito bravo. Temos tudo igual, e ele fala que aquelas coisas são dele”.

Na sessão seguinte Pedro desenha um jogo de videogame e diz: “Eu tenho medo deste jogo. Um dia eu não dormi por causa deste jogo, você tem que falar comigo!” Entra num estado de franca excitação. Preenche toda a folha desenhando bolas, bombas, cobra, rodadoiro e comenta: “Não vai caber o mais legal”. Escreve: *gameover* e diz: “O jogo acabou!” Continua a desenhar, acrescentando mais e mais elementos, até que desenha um balão; faz um buraco no meio do balão e diz: “O balão furou!” Queixa-se de que não cabe mais nada na folha de papel. Vira a página e escreve seu nome com um círculo em volta. Digo-lhe que sonhou aqui comigo os sonhos que lhe dão muito medo; queria que eu soubesse como eram esses sonhos. Neste momento está mais aliviado, debruça a cabeça sobre seu desenho e, segurando a caneta em uma das mãos, adormece profundamente.

André, oito anos, apresenta problemas de escolaridade. Seus pais me procuraram com esta queixa. É inteligente, porém muito distraído e não se concentra nas tarefas. Ele é um menino bonito, bem desenvolvido para a idade, mas que apresenta um olhar bastante desvitalizado. É muito passivo e submisso. Ao entrar na sala abre a caixa de brinquedos, pega os carrinhos e se joga sobre o divã, transformando-o numa espécie de pista de corrida onde os carrinhos a percorrem dando inúmeras voltas. Emite sons de motor de carro intercalados com narrativas de histórias, ligadas àqueles movimentos. A história é de dois irmãos, cada um tem o seu carro e disputam um *rally*. Depois fala de um pai viúvo que viaja com o filho, e também de dois casais de namorados que viajam juntos. Tento me agarrar ao conteúdo das histórias, mas tenho enorme dificuldade de me manter ligada, pois sou acometida por um estado de intenso torpor e muito sono. O clima se torna parado, sem vida. Comunico-lhe algumas idéias, mas percebo-o totalmente absorto nesta atividade, parecendo ignorar a minha presença. Na sessão seguinte André, em meio a um estado desvitalizado enche a lata de lixo com água e vai colocando aos poucos, dentro dela diversos brinquedos da sua caixa, além de muito papel picado. Mexe tudo aquilo e diz que é uma sopa. Noto-o absorto com o movimento circular da água se mexendo no interior da lata. A atmosfera na sala é de vazio emocional, bastante difícil de ser suportado por mim. Numa

sessão algum tempo depois, André chega com um olhar mais vivo, contando-me entusiasmado sobre a sua escola de natação. O assunto se esgota e ele em seguida inicia um desenho. Logo o abandona dizendo que não tem idéia do que fazer. Ele mergulha num estado de recolhimento ignorando a minha presença. Com algum esforço consigo voltar a me ligar nele e dizer que há pouco ele parecia estar cheio de idéias sobre a escola de natação e que talvez pudesse encontrar também agora alguma idéia para o seu desenho. Ele parece se interessar pela minha fala e retoma o desenho. Para a minha surpresa, algum tempo depois ele pergunta: “Célia, você conhece a biblioteca do Mar Morto? É uma biblioteca onde guardam os mapas do Mar Morto, os pedaços de gesso, de vasos, tudo o que sobrou”. Digo: “Mas por que ficou morto?” Mostra-me o desenho do mar, os raios do sol. Fala que o sol bateu no mar e o secou todo ficando apenas sal e então não existe mais vida lá. Digo-lhe que ele está me contando que, às vezes, ele se sente como este mar morto, sem vida sem nada dentro, sem saber o que desenhar. Pergunta-me se eu sabia que existem uns lugares onde os arqueólogos escavaram montanhas e descobriram umas pirâmides. Diz que havia desenhos nas pirâmides e as pessoas se comunicavam por meio deles. Digo que é assim que nós estamos nos comunicando hoje. Parece que há pouco tudo estava meio morto dentro de você, mas depois de conversarmos está mais vivo.

COMENTÁRIOS

Embora o funcionamento mental de Pedro e André se localize numa esfera mental primitiva, os fenômenos prevalentes em cada um deles são de natureza diversa, determinando, na analista, experiências emocionais também diversas. Pedro funciona, predominantemente, com transformações projetivas e em alucinação, transformações da área psicótica. André, por sua vez, opera com transformações autísticas. Pedro se alivia descarregando sobre a mente da analista sua excitação. “*Game is over*, o balão furou, não cabe mais” expressam a urgência em encontrar outra mente capaz de contê-lo. André se relaciona a maior parte do tempo por meio das sensações que obtém no contato - formas autísticas. O movimento circular dos carros na pista, os sons emitidos, o ato de falar ao narrar as histórias, além do movimento da água da “sopa”, são formas autísticas por meio das quais mantém um estado de continuidade corporal com o objeto, evitando assim a vivência de vulnerabilidade advinda da consciência da separação do mesmo.

Fica evidente que nesse nível não existe um aparelho mental desenvolvido capaz de produzir pensamentos, sonhos. Pedro, por sua vez, não pode dormir e, como ele próprio diz, teme seus sonhos. Penso que Pedro não produz propriamente sonhos, uma atividade onírica, mas um acúmulo de elementos concretos que ocupam o espaço mental e que, dado o grau de violência envolvido, adquirem um caráter aterrorizante, impossibilitando-o de dormir, sonhar e mesmo, acordar. São pensamentos ruins - elementos beta - não digeridos, não transformados pela função alfa, que não o deixam dormir, nem acordar e, portanto, não podem ser sonhados. André, por sua vez, vive num mundo dominado por sensações não mentalizadas, de transformações autísticas, transformações essas que não chegam a se tornar elementos psíquicos - elementos beta - passíveis de serem transformados pela função alfa, em algum significado e, portanto, serem sonhados.

A qualidade da relação da analista com Pedro e com André é distinta. Pedro se apresenta com a expectativa de encontrar alguém que possa auxiliá-lo na elaboração dos sonhos que o amedrontam. O clima nas suas sessões é intenso, cheio de angústia e desespero por perceber a precariedade do seu aparelho mental. Ele permanece imerso em estados de alucinação criando em sua mente situações de ameaça e terror. André, por outro lado, não tem a percepção da analista como um objeto separado. Ele entretém uma vivência de continuidade corporal com o objeto por meio das sensações geradas no contato e não pelas fantasias ou sentimentos que este poderia despertar. A analista se sente sem existência para André, o que faz com que ela sinta a atmosfera na sala sem vida, vazia, estática.

Ambos são capazes, entretanto, de alterar seus estados de mente a partir do trabalho analítico nas sessões. Pedro compartilha com a analista os sonhos que não o deixam dormir, e como esta não se amedronta com os seus conteúdos ameaçadores e tampouco os devolve com violência, o terror diminui e ele é capaz de nomear os seus pensamentos ruins, talvez até sonhá-los. Pedro abandona as transformações projetivas e em alucinação e passa a traduzir em palavras as suas angustias ligadas à rivalidade fraterna (transformações em K). O mesmo ocorre quando diante de estados de extrema excitação mental e desespero pela ameaça da ruptura de seu aparelho psíquico, ele resgata partes dispersas do seu *self* fragmentado, adormece profundamente, e talvez até sonhe (transformações

em O). André, por sua vez, se protege a maior parte do tempo no interior de uma barreira autística sem possibilitar a aproximação da analista. Entretanto, na sessão em que ele se isola depois de afirmar que não tem deíia para desenhar e a analista o lembra de que ele tem idéias dentro de si, a sua barreira autística se torna mais permeável fazendo com que André se encoraje a abandonar suas manobras protetoras e passe a nomear o seu estado interior (transformações em K) por meio da metáfora do Mar Morto. André resgata a sua capacidade de sonhar e, assim como Bion, compara o trabalho de análise ao do arqueólogo. Diz ele: “os arqueólogos encontraram pirâmides ao escavarem a montanha”. Talvez ele esteja se referindo a algo precioso seu de um estágio primitivo que ficou soterrado e que agora está sendo alcançado.

DISCUSSÃO

1- O universo autístico é organizado por leis diferentes daquelas das áreas neuróticas e psicóticas. É um universo não mentalizado, dominado por sensações e não por sonhos, fantasias e emoções, como nas áreas neuróticas e psicóticas. Nele os parâmetros são outros. O indivíduo não tem a noção de um objeto separado, o que faz com que rêverie e função alfa não operem, e a vida psíquica e a onírica não se desenvolvam. Embora ele guarde semelhança com o fenômeno de alucinação, ele é de natureza diversa. O paciente imerso tanto em estados autísticos, quanto em alucinação não inclui nem exclui a figura do analista na sessão, ele ignora a sua presença, entretanto a qualidade da experiência emocional em ambas as situações é distinta. Nas transformações autísticas o paciente permanece absorto com sensações geradas no próprio corpo de modo a manter um estado de continuidade com o objeto. Nas transformações em alucinação o paciente permanece imerso em um universo alucinado, um mundo criado por ele, independente do real.

2- Os fenômenos autísticos e os elementos beta embora guardem alguma semelhança, apresentam diferenças de qualidade. Os elementos beta servem apenas para serem evacuados de modo a aliviar o aparelho psíquico do acúmulo de tensão. O fenômeno autístico, por outro lado, é caracterizado pela sua natureza estática e por pertencer ao mundo inanimado. Diferentemente dos elementos beta, os elementos autísticos não têm a função de descarga ou de alívio, mas

de proteção, principalmente em situações de terror diante da ameaça de não existência psíquica (Korbivcher, 2008). Assim como os elementos alfa e beta que ao serem agrupados constituem respectivamente a barreira de contato e a Tela beta, também os elementos autísticos ao serem agrupados formam uma barreira; a barreira autística. O indivíduo procura proteção nessa barreira, onde através de atividades auto-sensuais ele gera o objeto, um objeto com características autísticas (TUSTIN, 1984, 1986).

3- A experiência emocional do analista nas transformações autísticas é de vazio, de falta de emoção, que o estimulam a evadir-se, enquanto nas transformações em alucinose a atmosfera na sala é intensa, plena de emoção. O analista é convidado a alucinar juntamente com o paciente aqueles produtos de sua criação, devendo criar em seguida um recuo da situação de modo a informar ao paciente que aquelas vivências são criações da sua mente e que não correspondem aos fatos reais. Caso o paciente se conscientize deste fato o estado de alucinose desaparece e o paciente passa a operar em outro nível. Diante das transformações autísticas o analista necessita penetrar a barreira autística do paciente e tentar se aproximar de seu mundo inanimado como um elemento vivo, conferindo-lhe vida psíquica. Para isso é preciso que a barreira autística tenha alguns pontos vulneráveis de modo a haver um trânsito entre estados autísticos e estados em que a mente opere. Só assim o paciente poderá experimentar emoções, sem se sentir tão ameaçado.

Experiências como as descritas nesse trabalho nos lançam frequentemente num universo desconhecido sem referências para nos guiarmos. Penso, entretanto, que este fato pode nos estimular a desenvolver uma condição privilegiada para o trabalho analítico, nos solicitando a operar a maior parte do tempo com nossa capacidade negativa investigando o material oferecido por aquele sistema particular de funcionamento mental através da disciplina de ausência de memória e desejo. (Bion, 1967).

REFERÊNCIAS

Bick, E. (1986). Further considerations on the function of the skin in early object relations: findings from infant observation integrated into child and adult analysis.

Brit. J. Psychotherapy, v.2, n.4, p.292-9.

Bion, W. R. (1957). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In: *Second Thoughts* London: Heinemann, 1967. p. 43-64.

_____. (1959). Attacks on linking. *Int. J. Psychoanal.*, 40:308-15.

_____. (1962a). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. (1963). *Elementos em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. (1965). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. (1967). Notes on memory and desire. In: *Classics in Psycho-Analytic Technique*. Ed. Robert Langs. New York: Jason Aronson, 1981. p. 259-60.

_____. (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

_____. (1979) *A Memoir of the Future*. London. Ed Karnac Books (1991).

_____. (1979) . Tornando bom um mal negócio. *Rev. Bras. Psicanál.*, v., n.

_____. (1992) *Cogitations*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Cassorla, R. (2009) Não-sonho-a-dois. Enactment e função alfa implícita do analista

Klein, M. (1980). Autistic phenomena in neurotic patients. *Int J Psychoanal* 61:395

Korbiwcher, C. F. (1999). Mente primitiva e pensamento. *Rev. Bras. Psicanál.*, v.33, n.4, p.687-707.

_____. (2001) A teoria das transformações e os estados autísticos: transformações autísticas: uma proposta. *Rev. Bras. Psicanál.*, v.35, n.4, pp.935-58.

_____. (2004) A mente do analista e as transformações autísticas . *Rev. Bras. Psicanálise* v. 39, n.4 , p 113-130

- _____. (2005) The theory of transformations and autistic states. Autistic transformations: a proposal. *International Journal of Psychoanalysis*, 86: 1595-1610
- _____. (2008) Bion e Tustin. O referencial de Bion e os fenômenos autísticos. Uma proposta de aproximação. *Rev. Bras. Psicanálise de Porto Alegre* V9. , n. 2 , PP. 407-435
- _____. (2009) *O referencial de Bion e os fenômenos não integrados. Diluição e Queda.* (Trabalho não publicado)
- _____. (2010) *Transformações autísticas. O referencial de Bion e os fenômenos autísticos.* Rio de Janeiro: Imago.
- Meltzer, D. (1975 a). *Explorations in Autism.* Perthshire: Clunie Press.
- _____. (1975b). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise* Ano 19-no 38-1986
- Ogden, T. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos.* Porto Alegre: Artmed.
- Rezze, C. J. (2001). O sonho, o quase sonho e o não sonho. In: França, M. O. A. F.; Thomé, M. C. I. & Petriccioni, M. (org.). *Transformações e Invariâncias. Bion -SBPSP. Seminários Paulistas.* S. Paulo: SBPSP-Casa do Psicólogo, p. 97-116.
- Tustin, F. (1981). *Estados autísticos em crianças.* Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- _____. (1986). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. (1990). *The protective shell in children and adults.* London: Karnac Books
- _____. (1992) *Autistic states in children.* Revised Edition. Ed. Routledge and Keagan Paul. London.